

Anuario de Arqueología

2017

Edición Especial



Rivero, Ariel y Leonel Cabrera Pérez (Compiladores) 2017. “**El patrimonio como transformador de los territorios**”. Recopilación de trabajos presentados al G8 de la RAM 2015. En: *Anuario de Arqueología*. (Número Extraordinario.) <http://anuarioarqueologia.fhuce.edu.uy/> Instituto de Antropología. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República. Uruguay.

anuariodearqueologia@gmail.com

ISSN: 1688-8774

ILUSTRACIÓN DE PORTADA: imágenes tomadas de sitios de acceso público. **Arte:** Paula Tabárez

EDITOR RESPONSABLE

Leonel Cabrera Pérez

SECRETARÍA DE EDICIÓN

Paula Tabárez

CONSEJO EDITOR

Jorge Baeza – Uruguay

Roberto Bracco – Uruguay

Leonel Cabrera – Uruguay

Carmen Curbelo – Uruguay

Antonio Lezama – Uruguay

José López Mazz – Uruguay

COMITÉ CIENTÍFICO

Tania Andrade Lima - Brasil

Martín Bueno - España.

Primitiva Bueno - España.

Felipe Criado Boado - España.

Nora Franco – Argentina.

Arno A. Kern – Brasil.

Jorge Kulemeyer –Argentina.

Daniel Loponte - Argentina

Hugo Gabriel Nami - Argentina

Fernando Oliva – Argentina

Patrick Paillet – Francia

Gustavo Politis – Argentina.

Ana María Rocchietti – Argentina.

Mónica Sans – Uruguay

Marcela Tamagnini – Argentina.

Fernanda Tocchetto - Brasil

Andrés Troncoso – Chile.

El contenido de los artículos es responsabilidad de los autores y no necesariamente refleja el criterio o la política editorial del Anuario de Arqueología. La reproducción parcial o total de esta obra puede hacerse previa aprobación del Editor y mención de la fuente.

El Anuario de Arqueología agradece el aporte de todos los autores que participan en esta edición.

INDICE

Editorial.....	pág. 8
Introducción.....	pág. 12

PATRIMONIO Y DINÁMICAS TERRITORIALES

Belli, Elena, Ricardo Slavutsky y Ariel Slavutsky

Incidencias sociales y culturales de las políticas de promoción del turismo en áreas rurales del noroeste argentino.....pág. 15

Paz, María Elisa

El Patrimonio en clave minera en Jujuy, Argentina.....pág. 35

Perilla, Mario y Diego Quintana

MOMPOX, Encrucijada entre Patrimonio de la Humanidad y territorio de los momposinos.....pág. 59

PATRIMONIO E IDENTIDAD

González, Crispina

Patrimonio indígena: construcciones identitarias y conflictos territoriales.....pág. 80

de Castro Neves Costa, Luciana y Sidney Gonçalves Vieira

A patrimonialização da paisagem e a representação do Patrimônio Cultural brasileiro.....pág. 99

Cabrera, Janeth A.

Patrimonialización y reconocimiento étnico: experiencias etnográficas entre un grupo de músicos campesinos (Patía – Cauca – Colombia).....pág.121

Enrique, Laura Aylén

Patrimonio colonial mapeado: **reminiscencias** del pasado en las planificaciones estatales argentinas de principios del siglo XXI.....pág. 147

DISCUSIONES TEÓRICAS EN TORNO AL PATRIMONIO

Acevedo, Fernando.

Patrimonialización. Consideraciones conceptuales, teóricas y políticas.....pág.171

Kulemeyer, Jorge

Disquisiciones en torno al lugar que destina la sociedad contemporánea al patrimonio.....pág. 191

EXPERIENCIAS EN TORNO AL PATRIMONIO: EDUCACIÓN Y MUSEOS

Souza de Lima, Luzicleide, Ingridy Patricy Schaefer Pererira y Tatiana Lilia do Carmo Irineu

Do centro histórico à “Feirinha de Tambaú”: o uso dos espaços públicos na cidade de João Pessoa.....pág. 207

Macía, Valeria e Iglesias Jimena

Transferencia multimedial del conocimiento académico. El caso de la educación pública en palpalá (Provincia de Jujuy) a mediados del siglo XX.....pág.215

Portela Irene C.M

Lugares de territorializações: reflexões a partir de uma construção museal.....pág. 234.

Sotelo Moira y Silvia Soler

La divulgación científica como herramienta en los procesos de patrimonialización. La experiencia de MÁS CERCA DEL CIELO.....pág. 257

Siqueira Guedes, Luciana y Claudomilson Fernandez Braga

Cuando el patrimonio no transforma: El discurso de género en la exposición Evita.....pág. 271

LUGARES DE TERRITORIALIZAÇÕES: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA CONSTRUÇÃO MUSEAL

IRENE C. M. PORTELA⁹⁷

Resumo

No artigo reflete-se sobre representações ligadas a astronomia e ciência, bem como Portugal e Brasil, e à sua ancoragem territorial, expressas na exposição "Olhar o Céu, Medir a Terra" do MAST, como escolhas que exprimem construções e atualizações de memória e patrimonialização. Recorre-se a uma perspectiva próxima dos eixos centrais da exposição, mais derivada de um *olhar português*. Aporta-se com autores que destacam a importância de considerar múltiplas vozes, embora de certa forma restritas às de *especialistas* e *disciplinares*, para compor quadros de representações sobre nacional. Dentre as instituições de memória inventadas na modernidade ocidental, os museus de história natural desempenharam a tarefa de procurar conciliar a memória de uma universalidade do saber científico com a construção das particularidades da nação - explicitando uma *tensão* entre falas que é correlata à crescente reclusão assumida pelo *fazer* da ciência, e ao estatuto que se lhe confere. Por fim, parte-se da noção do museu como "intelectual coletivo" para refletir sobre possibilidades de correlação entre "lugares de memória" e memórias coletivas, e, sobretudo, de incorporação de falas e discursos alargados, em produções museais.

Palavras-chave: representações de nacional; desenhos de território; discursos museais; patrimonializações

LUGARES DE TERRITORIALIZACIÓN: REFLEXIONES A PARTIR DE UNA CONSTRUCCIÓN MUSEÍSTICA

Resumen

El artículo analiza representaciones de astronomía y ciencia, así como de Portugal y Brasil, y su anclaje territorial, expresadas en la exposición de MAST "Mirar al cielo, medir la Tierra", como opciones que enuncian construcciones y actualizaciones de memoria y patrimonialización. Se adopta una perspectiva cercana a los ejes centrales de la exposición, aunque derivada de una *mirada portuguesa*. El texto abre espacio a autores que ponen de relieve la importancia de considerar múltiples voces, pero que se ciñen a puntos de vista de *especialistas* y *disciplinares*, para componer marcos de representaciones sobre lo nacional. Entre las instituciones de la memoria inventadas en la modernidad occidental, los museos de historia natural han desempeñado la tarea

⁹⁷Mestre em Antropologia Social PPGCP/UFF, MAST/MCTI, eoinandirene@gmail.com

de tratar de compaginar la memoria de una universalidad del conocimiento científico con la construcción de las particularidades nacionales –lo que despeja una tensión entre discursos, correlacionada con la creciente reclusión asumida en el hacer de la ciencia, y con el lugar que le es conferido. Por último, se reflexiona, partiendo de la noción de museo como "intelectual colectivo", sobre las posibilidades de correlación entre "lugares de memoria" y memorias colectivas, y, principalmente, de incorporación de expresiones y discursos ampliados en las producciones museísticas.

Palabras clave: representaciones de lo nacional; dibujos territoriales; el discurso del museo; patrimonialización

PLACES OF TERRITORIALIZATION: REFLECTIONS BASED ON A MUSEUM CONSTRUCTION

Summary

This article discusses representations of astronomy and science, of Portugal and Brasil, and of their territorial anchorage, expressed in the MAST exhibition "Look to the Sky, Measure the Earth", as choices which express constructions and updatings of memory and patrimonialization. A perspective close to the central axes of the exhibition is adopted, albeit one that is derived from a certain *Portuguese perspective*. Authors are drawn on who highlight the importance of considering multiple voices, although largely restricted to *specialists* and *disciplinary* viewpoints, to compose frameworks of representations of the national. Among the memory institutions invented in Western modernity, museums of natural history perform the task of balancing the memory of a universality of scientific knowledge with the construction of national particularities – clarifying a *tension* between perspectives, correlated to the growing reclusion assumed in *doing* science, and the status conferred on this. Finally, the idea of the museum as a 'collective intellectual' is dealt with to reflect on the possibilities of correlation between 'places of memory' and collective memory, and, especially, the incorporation of broadened discourse in museum productions.

Keywords: representations of the national; territorial drawings; museum discourse; patrimonialization

DE OLHARES E MEMÓRIAS

Montaigne (1580, 19--) defendeu que o hábito não é uma segunda natureza, ele é a natureza. Em "Dos canibais", afirma que consideramos bárbaro tudo o que não se pratica na nossa própria terra, descrição precisa do que seja etnocentrismo, com que aí mesmo rompe. A pretexto dos Tupinambá, Montaigne fala de e para si próprio e da sociedade sua contemporânea. O olhar para os Tupinambá é um olhar que parte e reverte para si. Certamente não é fortuito, nem o único possível. É, todavia, um olhar para os hábitos, para a *natureza*, que serve como marco e mote para projeções possíveis; âncora para os processos constantes de identificação e transformação do próprio olhar e, num mar maior, de outros olhares.

Participei da equipe encarregada do desenho da nova exposição de longa duração do MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins, inaugurada no final de 2011, sob o nome de "Olhar o Céu, Medir a Terra." Sou portuguesa, embora more há muito tempo no Brasil. Não venho da área de história ou história da ciência mas sim da antropologia e da ciência política. Aqui aproveito o *estranhamento* facilitado por minha posição para destacar elementos da exposição e de *discursos* aí decantados, ressaltar pontos que, essa é a hipótese, subjazem uma leitura de astronomia, ciência, história da ciência, inclusive na sua relação com os desenhos de Brasil, e constituem, deste modo, traços de narrativas atuais sobre a própria história nacional, que inclui ainda uma apropriação, a partir de cujos aspectos de refração, espacial e temporal, em última análise me coloco, sobre Portugal e história e ciência em Portugal. A minha posição, *dentro e fora*, permite perceber e destacar elementos relativamente *opacos* para quem milita *dentro*, situar-me do modo que Geertz prevê em "Do ponto de vista dos nativos". Talvez não se trate de nativos, "no sentido estrito do termo" (1998:86), antes de projeções *materializadas* numa exposição. Resultam, contudo, de uma configuração específica, *nativa*, que busquei *estranhar*, a partir de um certo cotejamento com configurações próximas, que me são familiares, bem como pensar sua relação com outras construções e possibilidades, polifonias, sobre brasis, estares em lugares no mundo.

Nas últimas décadas, houve uma valorização historiográfica significativa da produção científica brasileira. Essa novidade esteve ligada a alterações mais amplas na teia fluida de representações coletivas correntes, que também ajuda a produzir, inclusive sobre o Brasil colônia e sobre Portugal *colonizador*. Não é que tais leituras jamais tivessem alguma fixidez - embora imaginários historiográficos correntes até a década de 1950

tendessem a atribuir-lhes um caráter relativamente constante. Formam, todavia, uma espécie de *constelações* com certa congruência. O que primeiro busco apontar é, precisamente, parte da nebulosa de representações atualizada na exposição, que componho via contraste com traços historiográficos sobre Portugal e Brasil impressos em minha trajetória pessoal e que, de alguma forma, foram despertados pela participação no desenho da exposição.

Não se pode pretender que uma exposição seja mera transposição de representações coletivas. Um discurso expositivo, todavia, está situado em ambientes, tempos e questões, que cabe encarar como associados a representações com relativa estruturação. Esse discurso destaca determinados elementos do conjunto, para cuja decantação com maior intensidade no imaginário coletivo acaba por contribuir. Desta forma, não deixa de ser uma representação construída, um objeto histórico em si, cuja historiografia Pierre Nora propõe na clássica coleção *Les lieux de mémoire*. No Prefácio à edição em língua inglesa, Nora sintetiza o objetivo do projeto:

"... to think about the nation without nationalism and about France without any universalistic a priori; whose inspiration is almost ethnographic; and whose method therefore consists in shedding light on the construction of representations, the formation of historical objects over time. It incorporates a dimension of analysis familiar to Americans but by its very nature long foreign to the spirit of French history: the historiographic dimension" (1996:xxi).

Pode-se, para continuar com Nora, pensar o desenvolvimento de uma exposição como um processo de construção de "lugar de memória", associado ao exercício da história por um corpo de especialistas, de acordo com uma seleção essencialmente racional, que com frequência se reflete em seleções e inscrições territoriais. A acompanhar a síntese feita por Abreu (1996), Nora distingue a memória social, que permeia todas as sociedades em todas as épocas, da história, uma construção da sociedade ocidental, associada à segmentação dos saberes em disciplinas, própria do Iluminismo e ocorrida em finais do século XVIII na Europa. Além disso, nos termos de Abreu, para Nora, "seleções efetuadas pela memória são sempre afetivas, nunca da ordem da razão. Já as seleções regidas pela história são únicas e exclusivamente racionais". Haveria "uma tendência crescente no Ocidente de esvaziamento e perda da memória seguida do aumento da percepção histórica". Isto estaria ligado ao

crescimento de instituições, datas, eventos, arquivos, bibliotecas, monumentos, "lugares de memória", associados a profissionais orientados para a preservação e catalogação dos "fatos da memória". A chamada "memória nacional" seria um dos "últimos baluartes da memória coletiva na sociedade ocidental moderna", onde "os indivíduos revisitam ritualmente experiências que tocam a todos, reforçando laços de identidade" (1996:37-8).

O olhar que busco lançar para o desenho da exposição não escapa a certa arregimentação por cânones ligados à construção de "lugares de memória", inclusive como decantados no ensino escolar em Portugal e como vêm a basear relatos históricos *nacionais* e sobre *ciência* razoavelmente onipresentes. Está, todavia, numa espécie de interface com a dimensão de memória coletiva que a "memória nacional" constitui - com todos os seus esfacelamentos e assumindo-se que suas composições, sempre tênues, se tornaram, em grande parte, rebatimento de visões definidas por especialistas. Um potencial heurístico desse olhar seria pois contribuir para a não naturalização dos discursos e da história da ciência - inclusive nas suas associações com os desenhos territoriais que o Brasil ganhou - que se *materializaram* na exposição; um caminho, ainda que paralelo e fora dos cânones usuais, de sua leitura historiográfica.

A exposição teve com um de seus fios condutores o laço entre *ciência* e a construção de Brasil, as leituras, inscrições e papel que os *saberes* tiveram no desenho territorial do país. Apontar lugares donde essa correlação foi estabelecida de certo modo permite ampliar a desnaturalização da questão territorial para a da própria ciência. Está subjacente à exposição a ideia de que a *ciência* emergia e era usada em contextos específicos, aos quais, por seu turno, ajudava a dar forma. A *ciência* - e, em particular, o aceitar incontestemente da precisão como critério de valor, tão caro a crenças ainda vigentes sobre a produção de conhecimento -, contudo, ao menos em alguma medida, permanece como eixo explicativo *último*, fonte da inscrição sobre o espaço do que se configurou como Brasil. Nesse sentido, a *ciência* como que ajuda a transformar os contextos de seu uso e emergência, eles próprios, de modo que, analogamente, essa dimensão se torna provida de certo caráter axiológico. Dito de outra maneira, há uma espécie de construção de um território imaginário a respeito do país - que recobre as circunscrições territoriais *efetivas* -, ancorado em *ciência* e seus contextos, mas que, se não for *estranhado*, pode ganhar caráter forte de "lugar de memória", parte dos processos de *retirada* da "memória nacional", no caso brasileira, das dimensões mais

próprias da "memória coletiva", com as possibilidades de apreensão das *territorializações* aí contidas.

No caso do Rio e do Brasil, estamos numa cidade e num país onde a *concretude monumental* e paisagística, ou dos próprios acervos, não lhe costuma ter atribuído um valor positivo importante. Pode-se dizer que é como se a *territorialização* obedecesse a critérios de enorme exterioridade, que a sua própria configuração em "lugares de memória" passasse por crivos e racionalidades *profissionais*. Assim, talvez decorrência inevitável, tampouco é conferido espaço significativo a aspectos mais *diáfanos*, à polifonia, inclusive na tessitura de densidades de memórias - considere-se-a a partir de grupos sociais ou dos atores que são perpassados pelas teias e processos sociais, tanto em termos de tomadas de decisão como de participação, direta ou indireta, na *escolha* das formas da memória que serão privilegiadas. É neste contexto que se buscou olhar para a exposição "Olhar o Céu, Medir a Terra", montada no prédio principal do MAST, onde fora a sede do Observatório Nacional. Embora se manifeste em parte como "lugar de memória", não deixa de poder tornar-se, ainda que com caráter mais volátil, uma ponte, uma busca de estabelecer elos entre instâncias, entre campos de produção de discursos e de memórias - possibilidade, ao menos relativa, de *obra aberta* e, assim também, aberta a um devir que, nada nos impede pensá-lo, será mais interessante se mais fruto de polifonias, inclusive nos olhares e nas construções de sentidos para os territórios, o que constituem e como deles nos podemos apropriar.

Exposições, museus, bairros, cidades, *nações* e *territórios nacionais* não são entidades cristalizadas, nem no tempo nem no espaço. Como tampouco os sujeitos que por eles e com eles transitam. A propósito do "intelectual museu", Borges (2013) destaca as limitações inescapáveis às possibilidades de instituições afetarem o tempo e o espaço - próprios do capitalismo -, aqueles onde estamos situados como sujeitos. Todavia, há lugar para se imiscuir e agir na teia da vida, na medida mesma em que os deslizamentos, a incompletude e a opacidade são características da existência - e que apontar esse fato é, em si, uma forma de ampliar a visão, ao romper com algumas das certezas e axiomas com que o mundo é tão frequentemente apresentado. Ciência e prática, natural, nacional e universal, territórios *concretos* e imaginados, são instâncias que operam e são operadas pelas representações e pelas memórias. Penso que a exposição que serviu de mote para este artigo também pode ser vista como elo nessa teia necessariamente fluida que as interliga. Caberia então imaginá-la como *boa para pensar*, parte de territórios a construir, elemento tão ou tão pouco evidente quanto

uma multiplicidade de outros nesses pequenos festins de Esopo que Octavio Paz (1993) nos evocava - de que, não obstante todas as restrições, ainda podemos participar.

DE SABERES, CIÊNCIAS E LUGARES

A sensação inicial que tive diante dos primeiros temas da exposição foi de reconhecimento. Partia-se do que uma criança portuguesa aprende logo muito cedo, só sem tocar na lá sempre presente Escola de Sagres. Contudo, os antecedentes que tão extensamente se apresenta em Portugal, que teriam sido condição para a *partida para o mundo*, não surgiam. Tampouco havia referência ao que uma historiografia comum apresenta: a miríade de motivações, de ordem religiosa, comercial e expansionista, e as visões de mundo que teriam estado por detrás do empreendimento dos Descobrimentos (cf., p.e., Portela 1982).

Partia-se do “Mar Português” de Fernando Pessoa e o destaque era a qualidade da ciência portuguesa. Presumia-se, *apercebi-me*, que haveria uma desvalorização do saber feito em Portugal que devia ser revertida. No olhar de fora que posso permitir-me, é como se a imagem persistente a transformar fosse a assumida aqui em torno dos imigrantes portugueses, de literalidade e incapacidade de percepção de nuances, coetânea à de um Brasil que não se encara de forma *séria* (Portela e Barbosa 1987; Portela 1992). A qualidade científica presente no *encontro* e desenho inicial de Brasil teria então a capacidade – e exerceria a função necessária – de diluir essa *vergonha* injustificada.

A familiaridade que originalmente sentira era, assim, algo ilusória. Sem dúvida, estava presente a noção, também lá vulgar, da existência de um propósito, uma reflexão e uma observação sistemáticos – quase afins ao que se costuma associar ao *fazer científico* da era contemporânea. Havia, contudo, uma diferença importante: ao invés de uma *sequência natural*, o referente era o *saber*, e a articulação de saberes, que haviam acabado por estar envolvidos na *fundação*, no *encontro* e construção inicial do Brasil. Os instrumentos, as aulas, o conhecimento empírico e abstrato e seus usos, conferem ao país um território muito feito de mar e céu e dessa apropriação da ciência em Portugal, por tal forma *transportada* para o Brasil.

Durante um bom tempo intitulei o arquivo com o roteiro do primeiro tópico “Deus ao mar e maravilhas”. Deus ao mar de *Mensagem* de Fernando Pessoa e maravilhas das descrições comuns ao período. Novamente, a presença jesuítica é algo comumente

referido em Portugal, mas lá com menor destaque, oferecida mais em contraste ao iluminismo português e aos “estrangeirados”. Na exposição, caminhou-se por buscar outras *contribuições à ciência* e aos falares sobre o Brasil. Acabou-se, todavia, por tecer um desenho que mescla terra, imaginário, indígenas, plantas, santos, reflexões de toda ordem e em sentidos variados; associação forte, pois, com as *falas*, tanto *maravilhosas* como, pouco depois, de caráter mais *científico*, jesuítas.

Em Portugal não se duvida do propósito que conduziu à *grandeza* dos Descobrimentos. Por seu turno, 1580 e os sessenta anos do domínio espanhol são a *mácula*, o sinal do fim do que fora uma rota brilhante e cujo curso nunca seria recuperado (Portela 1982). Com o que desenhamos na exposição, no Brasil, ao invés, travar-se-ia a mistura, que não mira fora senão, antes, estaria na origem dos desenhos internos – e, inclusive, da *esperteza* envolvida em revelar apenas parte da *ciência* a que se recorre para *ganhar* o novo território. Na ex-metrópole tratar-se-ia do conhecimento do mundo do soneto de Camões:

“Vês aqui a grande machina do Mundo, / Etherea, e elemental, que fabricada / Assi foi do saber alto, e profundo, / Que é sem principio e meta limitada. / Quem cerca em derredor este rotundo / Globo, e sua superficie tão limada, / He Deos; mas o que he Deos ninguem o entende / Que a tanto o engenho humano não se estende” (*Lusíadas*, X, LXXX. Citado em D’Eça 1894).

Já na visão que aqui construímos, o território brasileiro estaria ligado à mistura e à defesa do elemento edênico, por jesuítas como Nóbrega e Anchieta. Há também visões que combinam sem maiores dificuldades maravilhas e terrores. O conjunto trabalha várias definições da “terra de Santa Cruz”, indo em muitos sentidos; e é como se a multiplicidade fosse a característica do novo território em desenho. Domínio espanhol e ocupação holandesa são itens desse quadro composto que não haveria por que pensar que alterem significativamente.

O eixo da ciência como que vem se apôr a tal concepção. Avançou-se no tempo e os *saberes* astronômicos - e matemáticos correspondentes - ganham destaque e circulam na Europa. É como se houvesse um afã de conhecimento em certa medida mais desligado da associação precedente com os *fazeres*, como na preparação dos cartógrafos e pilotos dos Descobrimentos. As cortes paulatinamente se interessam por tal saber, tanto a título de *curiosidade* como para *fins úteis*. O destaque dado na

exposição a esse lugar da ciência, feita em Portugal e no Brasil no período, coaduna-se com um esforço de *reversão* da imagem que era corrente, aqui como na antiga metrópole. Quanto a esse período, o Brasil que desenhamos aparece assim marcado por um fazer e uma reflexão *científicos*; espécie de *antecedentes* da aplicação mais deliberada dos conhecimentos pelos “engenheiros-cartógrafos” que seriam encarregados de mapear o Brasil.

Em síntese, esse tópico inicial da exposição, que para tantos caminhos se orientou, como que definiu um território feito de *fases*, ancorado num *labor científico* prévio, ligado à metrópole, mas também calcorreado a partir da *nova terra* - com sua enorme quantidade de remissões possíveis - na qual, então, uma continuidade, uma *certeza territorial*, como que se inscrevia, ganhava curso. O Velho do Restelo, antecipadamente, estava certo - e não deixava de incorporar o vindouro Voltaire. As naus ainda não haviam saído mas ele pressagava o que seria o caminho português: ousar para construir um caminho que escapará a Portugal; e que será de outras terras. (E por que a ousadia e a reconquista de terras pequenas mas suas não retornarão a Portugal? - podemos imaginar essa ideia em Camões?).

Na exposição, o conhecimento científico e as contendas diplomáticas funcionam como eixo de um *segundo momento* territorial brasileiro. É como se a América tivesse deixado de ser *o novo*, como se *o mistério*, *o sublime* perdessem seu lugar. A corte, as manobras, o *uso dos saberes*, continuam do lado oriental do Atlântico mas a *massa territorial*, embora ainda algo informe e carente da investida propiciada por esses jogos, impõe-se. O governo português é assim - e aqui há uma espécie de visão comum, com parcos deslocamentos, entre o que se divulga lá e aqui - como que compelido a lidar com essa *natureza gigantesca* do território brasileiro, que se teria constituído, na concepção que subjaz a exposição, em parte por um fito definido mas que também teria encontrado eco nas visões que agregam possibilidades e mundos.

Mais uma vez, Portugal é retratado como uma metrópole cujas políticas são argutas e deliberadas. O interesse do rei, de modo análogo ao que ocorre em outras cortes europeias, pela astronomia vai par e passo com a instrução para que se desenvolva o *conhecimento* do território brasileiro. A técnica do saber e do segredo, base de uma diplomacia astuta, seria claramente dominada pelo governo português. Curiosamente, este período tem uma representação semelhante em Portugal, como se típica de um absolutismo ilustrado. Todavia, a versão se altera, ou ao menos se empana, quando acompanhada de um fio mais longo, que ligue ao Brasil- e tal como presente nas

leituras mais vulgares. Aí, a imagem é de esforços jogados fora, uma ideia persistente do fim definitivo da *grandeza nacional* que a independência brasileira marcaria de forma indelével. Aqui é como se o *saber* viesse de fato a inscrever o território brasileiro. Há um caminho que vem de trás, de antes do *encontro*, que agora ganha o aspecto de um *conhecimento de Estado*, a ser usado para garantir a integridade da *massa territorial* e para defini-la nos limites do que seja considerado adequado. As viagens filosóficas seriam um elemento de *incorporação* de várias dimensões, em parte resgatando algo do *maravilhoso* - muito embora sob a perspectiva da *sistematicidade* - do território. Nos movimentos que destacamos, a metrópole quer e deve conhecer e integrar o que há no Brasil, um fisiocratismo cuja visão é de *destinos* ligados e de uma *grandiosidade brasileira*. Por outro lado, os movimentos independentistas como que passavam ao largo do *empreendimento do saber*, na própria medida em que o conhecimento ganhava caráter crescentemente universal.

O cenário da última parte da exposição é o de um Brasil existente por si, uma espécie de terceiro momento. A ciência em geral, e a astronomia em particular, tem um papel forte no desenho que o *gigante* assumirá. Por um lado, o que se escolheu destacar foi a *autonomização* crescente do saber e o lugar que a *ciência feita no Brasil* assumiu. Por outro lado, como esses saberes fizeram parte dos processos de conhecimento interno e definição dos limites territoriais brasileiros. Os percursos foram feitos de ciência e de política, na sua vertente diplomática para o que toca aos limites exteriores e na sua vertente planejadora no que toca, por exemplo, à delimitação do quadrilátero onde Brasília viria a ser construída.

Uma visão persistente penso ser a de Brasil no mundo - que vai em paralelo à de ciência no mundo - e a antiga metrópole foi deixada definitivamente para trás. Neste sentido, não é por acaso que se destacou a conferência internacional, mantida em Washington em outubro de 1884, para fixação de um meridiano inicial comum, na qual o instrumento de trânsito do Observatório de Greenwich acabou por ser escolhido como meridiano zero e onde o Brasil teve participação relevante. Nesta parte da exposição optou-se por dar peso ao Imperial Observatório do morro do Castelo e ao conjunto do *campus* no morro de São Januário onde hoje ficam o Observatório Nacional e o MAST, suas *histórias* e disputas, atividades eminentemente científicas e esforços de vulgarização da ciência, instrumentos construídos sob os auspícios de seus membros, participação em exposições e em diversas comissões de mapeamento do Brasil; como se a autonomização crescente do *Brasil* de certa forma replicasse a autonomização

crescente da ciência, inclusive em termos dos processos de ligação e desenredamento do controle político sobre o seu desenvolvimento, para além das exigências de *desempenho*.

A outra visão significativa, coerente com a remissão deliberada ao “mito da Ilha Brasil”, é a do Brasil mundo, que corresponderia, a nível de senso comum, à imagem do gigante ainda a conhecer e a explorar - pela via da ciência e da política, mas de uma política restrita, que está longe de interligada à população do país. A crescente circulação do conhecimento entre a *comunidade científica mundial* também correspondeu à ampliação do público leitor, em geral e no Brasil, e interessado em assuntos *de ciência*. É por este viés, de uma espécie de *opinião pública*, que os brasileiros teriam acompanhado os resultados de comissões e expedições de demarcação de fronteiras e de exploração de áreas. Deste modo, talvez se possa falar na imagem de Brasil - num paradoxo só aparente - como ainda vago e carente de investimentos - de ordem científica e também política - no próprio momento em que suas fronteiras físicas continentais são instituídas; em contraponto com a que aparece em Portugal.

O Brasil ganha contornos externos que o tornam um dos maiores países do mundo. A geografia, associada aos *investimentos científicos*, com destaque para os astronômicos, como que se mostra terreno próprio para essa representação de grandeza nacional e de possibilidades abertas de futuro, internamente e no cenário internacional. Neste sentido, o que refrata representações correntes na antiga metrópole (cf. Portela 1982, 1992), o lugar de Portugal é numa ordem de leitura mais antiga, da história, da história do Brasil e da ciência associada a Brasil. A dimensão do universal na ciência se ampliou e as possibilidades de Brasil se coadunariam perfeitamente com tal expansão. Em Portugal, a renovada *participação no mundo*, na década de 1970, que foi associada à ideia de que não havia caminho a não ser a imersão na então Comunidade Econômica Europeia, implicou num abandono do olhar para o *passado glorioso*, para a história do propósito e realizações dos séculos XV e XVI como representação nacional privilegiada. De certa forma, como que a recuperação de uma *outrahistória*, um outro tipo de memória, abre-se então a partir do Brasil, no sentido dessa leitura sobre a ciência portuguesa associada ao *encontro*, desenho e configuração de Brasil que procuramos destacar na exposição; e que aliás encontra eco em esforços de recuperação historiográfica análogos em Portugal.

DE FALAS

José Carlos Reis (2007), em *As identidades do Brasil*, procura trazer vários "intérpretes" do país, que distribui em duas correntes, dos *descobridores* e dos *redescobridores*. Propõe que o Brasil seria conhecível "pelo confronto e diálogo entre as várias interpretações feitas em épocas distintas" e que "estas representações históricas retornam à realidade social, reproduzindo-a ou alterando-a" (:13). Reis apoia-se em Ricoeur para considerar que "o sonho e o vivido são inabordáveis em si: deixam vestígios, lembranças, com as quais se tece uma narrativa totalizante. Tal narrativa é um esforço de interpretação do sonho/vivido, de decifração, de reconstrução e compreensão" (:19-20). A conversa entre os autores das duas correntes é áspera, elemento associado ao caráter de "verdade poliédrica" como Reis quer encarar o Brasil (:18). A proposta é ainda mais aberta, dirigir-se além da narrativa, donde o recurso a Ricoeur e à ideia de permanente reescrita da história: "não há leitores definitivos de um texto, não há decifração conclusiva do sonho, não há narrativas esgotadoras do vivido histórico". Por outro lado, "a narração toca indiretamente o sonhador [...]; a interpretação histórica toca indiretamente em sua vida os homens", pelo que a reescrita tem uma abrangência vasta que, para Reis, não deixaria de revestir-se de certo caráter de *mestra da vida*: "os sujeitos históricos informados pelas interpretações, [...] encontrarão os melhores meios e termos para expressar seus interesses e realizar os seus projetos" (:20).

No "Prefácio à edição de língua inglesa" de *Les lieux de mémoire*, Pierre Nora (1996) considera que, grosso modo, teria havido três tipos de história nacional, no referente francês (:xxiii). A estes, Nora acrescenta um quarto, o que deu origem ao projeto dos *lieux*, uma tentativa de escrever a história a múltiplas vozes, de reinterpretar a história da França em termos simbólicos. Esta história "is interested in memory not as remembrance but as the overall structure of the past within the present" (:xxiv). Também aqui, há um propósito de afetar a vida: "experience has shown that only such a history, at once scholarly and accessible to the broader public, is capable of responding to the needs of the moment, of reconciling, in France and perhaps elsewhere as well, the requirements of science with the demands of conscience" (:ibid). De algumas décadas para cá, os museus parecem refletir uma *vontade* de multiplicidade do mesmo gênero: "as grandes narrativas nacionais e épicas deixam de exercer a primazia de outrora, quando alicerçaram as práticas discursivas dos grandes museus, para entrarem em cena novos vetores, expressões de uma sociedade cada vez

mais polifônica" (Abreu e Chagas 2003:13). Por outro lado, Reis e Nora fazem certa delimitação da polifonia a discursos *especialistas*. Não negam a possibilidade de outras leituras mas é como se a construção discursiva que cabe apresentar, não obstante ampla, mantivesse uma feição *disciplinar*; fruto de uma compartimentação de áreas e saberes que define produtores e apropriadores preferenciais.

Tal *tensão* está igualmente presente nos museus e subjaz escolhas temáticas e montagem de exposições, embora isso não ocorra de forma linear. Luiz Fernando Dias Duarte lembra que os museus de história natural tiveram, "dentre as grandes instituições de memória inventadas na cultura ocidental moderna", uma das tarefas mais difíceis: "faire accorder le projet de production d'une mémoire, en soi neutre, de l'universalité du savoir scientifique aux exigences de promotion particulière des identités nationales modernes" (2005:21). Anderman and Simine (2012) apontam a ligação entre o desenvolvimento das ciências naturais e dos museus e a fixação, na segunda metade do século XIX, da imagem institucionalizada da ciência e dos cientistas como profissionais. O caso específico que Duarte aflora é o do Museu Nacional que, como Maria Margaret Lopes destacou, foi um dos museus mais associado à institucionalização das ciências naturais e suas especializações no Brasil (Lopes 1997:21). Ela observa o processo, nas primeiras décadas do século XX, da "perda de prestígio científico que os museus e as suas ciências sofreram, cedendo seu lugar, até sua imagem de templos da ciência, aos institutos de pesquisas, com suas novas práticas de investigação" (:292). Esse processo "assinalou o fim do movimento de museus em todo o mundo" e foi "marcado pela consolidação dos institutos de pesquisa, dos laboratórios como os *loci* institucionais prioritários para o desenvolvimento das ciências do século XX" (:ibid).

O artigo de Duarte se articula essencialmente em torno do papel da noção de "natureza" no agenciamento das combinações particulares presentes na história da razão científica e do ideal nacional: no primeiro caso como referência que é para o conhecimento científico; no segundo, para a *experimentação* e como "paisagem" de cada país - à qual a própria noção de "cultura" desenvolve formas de acoplagem. Aliás, um aspecto central do deslocamento da noção científica de natureza ao longo do século XX é o que contribuiu para que o "fetichismo da natureza fosse trocado pelo fetichismo da própria ciência", como atividade cada vez mais abstrata e universalista (:37). Julgo que vale pensar que "Olhar o Céu, Medir a Terra" se constitui numa *resposta* à forma atual da questão. Museus de *caráter nacional* podem continuar a desenvolver pesquisa

em áreas *científicas* mas exatamente naquelas, como Duarte pontua, onde universalização e abstração são exigências menos pungentes e onde, assim, as inserções do *nacional* - e de suas próprias esferas *locais* - seriam mais fortes. Neste sentido, a proposta de falar sobre história da ciência e sobre configurações de Brasil exprimiria aspectos de articulações correntes atualmente entre *ciência* e *natureza nacional*. Por outro lado, essa construção remete, como se reparou em Reis e em Nora, para instâncias temporais e espaciais múltiplas, que se refratam e projetam umas às outras. O olhar, peculiar, pessoal mesmo, que ensaiei aqui antes, não se situa dentro de fronteiras disciplinares claras; embora certamente não deixe de ser objeto de várias circunscrições. Olhares e falas diversos, oriundos de instâncias variadas - inclusive em termos de maior proximidade com a dimensão racional ou com a dimensão sensória -, são material das práticas e das memórias coletivas, que se imbricam, com todas as projeções temporais associadas. Museus e suas exposições teriam certo caráter de "lugar de memória", cujas feições e sentidos *especialistas* procuram definir. Aquilo com que aí se aporta vai, todavia, além: é da ordem do coletivo. É uma cristalização relativamente densa, mas não se deve perder de vista sua pertinência a fluxos coletivos, mais tênues mas também bem mais vastos, de recepção, produção, ativação de memória - até para que seu lugar, particular no universal, nos diversos brasis e nos diversos mundos, possa continuar a ser pujante. Uma imensa polifonia, com todas as suas gritantes particularidades, talvez constitua, reconhecamo-lo ou não, o mar onde memórias e representações, inclusive como atualizadas em espaços museais, permanentemente se banham; e cuja maior escuta nos permitirá acessar mais universos possíveis.

DE POSSIBILIDADES, DE SUJEITOS, DE TERRITÓRIOS - OU À GUIA DE CONCLUSÃO

Borges (2013), propõe considerar o museu "como um intelectual (sujeito) coletivo" (:2), no sentido gramsciano. Uma passagem bem conhecida de Gramsci é "Todos os homens são intelectuais [...] mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais" (1982:7). Gramsci também aponta que a relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, mas *mediatizada*, "por todo o contexto social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os 'funcionários'" (:10). É neste sentido que Borges encara o museu como intelectual, coletivo. Junto com outros aparatos ideológicos, os museus "exercem

um papel importante na formação dos sujeitos enquanto cidadãos local e globalmente adequados" e operam "colegiadamente para a ordenação, organização e direcionamento da vida cultural" (2013:3-4).

Terry Eagleton considera que "as culturas 'funcionam' exatamente porque são porosas, [...] imprecisas, indeterminadas, intrinsecamente inconsistentes, nunca idênticas a si mesmas" (citado em Borges 2013:6). Analogamente, o outro "nunca é completo, nunca é totalmente determinado por um contexto, mas sempre, em alguma medida, 'aberto', 'fluinte' " (:ibid). Ainda da mesma forma, acrescenta Borges, o "sujeito, como as culturas e por efeito mesmo da ação inculturativa, não deve ser tratado apenas como dividido, mas como igualmente descoincidente consigo mesmo, ao outro e ao próprio processo social-histórico" (:6). Slavoj Žižek é outro autor trabalhado. Para Borges, "A fantasia da ideologia não nos dá, de fato, uma versão imotivada da realidade, mas uma versão singularmente elusiva dessa realidade, ou uma realidade elusiva" (:10), aspecto associado a que, nos termos de Žižek, "identidade e alienação [...] são estreitamente correlatas" (citado em Borges 2013:10). Assim, seria preciso reconhecer que o museu não é capaz de fomentar a autonomia, encarada como "a consciência crítica que o sujeito tem de si, como suficientemente capaz e, dessa forma, não ser, no limite, determinado por nada que lhe seja exterior" (Borges 2013:9). Para Borges, isto se liga a que os vínculos entre museu, sociedade e seus visitantes sejam sempre fetichizados, com seu corolário de dissimulação. Borges vai a Spinoza, para depois voltar a citar Žižek: "o nível fundamental da ideologia, entretanto, não é de uma ilusão que marcará o verdadeiro estado de coisas, mas de uma fantasia [inconsciente] que estrutura nossa própria realidade social" (citado em Borges 2013:11). Žižek, contudo, em si, abre brechas para possibilidades de existência dos sujeitos, e de míriades de entidades, na conformação de mundo como se nos coloca:

Devemos aqui abandonar a metáfora padrão do Real como a Coisa aterradora que não se é capaz de enfrentar cara a cara, como o Real definitivo oculto sob camadas de véus imaginários e/ou simbólicos: [...] - a Coisa Real é um espectro fantasmático cuja presença garante a consistência de nosso edifício simbólico, permitindo-nos evitar sua inconsistência constitutiva ('antagonismo').

[...] Talvez, então, o melhor lema para a análise contemporânea da ideologia seja a linha citada por Freud no início de *A interpretação dos sonhos: Acheronta movebo* - se não se pode mudar o conjunto explícito de regras ideológicas, pode-se tentar mudar o conjunto subjacente de regras obscenas não escritas (Žižek 2003:46-7).

Aliás, pode-se associar esta leitura a outra passagem clássica de Gramsci, que "não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*"(1982:7) e que todo homem "participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar" (:7-8).

Para Gramsci, "O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência [...], mas num imiscuir-se ativamente na vida prática", alguém que "eleva-se à técnica-ciência e à concepção humanista histórica" (:8). O cenário e o momento - intelectual, se é que essa qualificação tem cabimento - de Gramsci e de Žižek talvez não sejam tão distintos quanto poderia parecer; do mesmo modo que, cabe ao menos imaginar, as possibilidades - com suas dimensões éticas e vivenciais - de ação dos sujeitos no mundo que propõem. Mais, penso que o movimento de Borges no seu artigo também permite uma leitura nessa direção, como quando sugere que "todo espelho social não apenas reflete. Na condição de signo, ao refletir, refrata, desloca, produz novos efeitos de sentido" (2013:13). Borges recorre a Bakhtin para encarar o "estágio ou fase do espelho", no sentido de Lacan, aquele onde a maioria dos museus pode ser pensada, como o em que "a sociedade se reflete, refratando-se, em parte como ideal do eu e em parte como distorção desse ideal do eu"; "é justamente nesse intervalo que se insere a crítica e também a possibilidade de mudanças" (:15).

No "Posfácio" a *Bem-vindo ao deserto do real!* de Žižek, Vladimir Safatle insiste na centralidade que a "articulação entre sujeito e negação", oriunda da perspectiva lacaniana, tem para Žižek, como quando este último afirma que "o sujeito é inerentemente político no sentido que 'sujeito' [...] denota uma partícula de liberdade, já que ele não fundamenta suas raízes em uma substância firme qualquer, mas que se encontra em uma situação aberta" (citado em Safatle 2003:183).

Noutros termos, o "sujeito é aquilo que nunca é totalmente idêntico a seus papéis e identificações sociais" (Safatle 2003:183), donde a crítica de Žižek a toda política da identidade, como parte do jogo do capital, e, ao mesmo tempo, sua ideia da negação como "via para a fundação de um universal não substancial". Assim é que, "contra uma política das identidades", propõe "uma política da universalidade da inadequação" (ibid:184-6). A paixão pelo Real seria uma "paixão estético-política pela ruptura [...], pela radicalidade da violência como signo do aparecimento de uma nova ordem cujo programa positivo nunca foi exaustivamente tematizado". A "astúcia dialética" de Žižek lhe permitiu "demonstrar como tal paixão pelo Real inverteu-se necessariamente em

seu contrário anulando seu verdadeiro potencial corrosivo"(ibid:186-7). Isto leva Žižek a afirmar que "o problema com a 'paixão pelo Real' do século XX não é o fato de ela ser uma paixão pelo Real, mas sim o fato de ser uma paixão falsa em que a implacável busca do Real que há por trás das aparências é o *estratagema definitivo para evitar o confronto com ele*" (Žižek 2003:39).

Safatle chama atenção para o modo como Žižek recupera a temática da crítica da ideologia, para reatualizá-la com uma "mutação do próprio sentido de 'crítica'" (Safatle 2003:187). Para Safatle, Žižek insistiu na "existência de uma *fantasia social* que estrutura a determinação do valor e da significação da realidade socialmente compartilhada. Fantasia social capaz de produzir uma 'objetividade fantasmática' que tem um nome próprio: ideologia"(188).

- Uma das consequências que daí decorre é o abandono da concepção de ideologia como construção reificada e o encarar da fantasia como "modo de defesa contra a impossibilidade de totalização integral do sujeito e de seu desejo em uma rede de determinações positivas". A crítica da ideologia passa então a ser feita "em nome dos direitos universais da negação no interior da esfera do político" (:189) e é por isso que Žižek afirma que "a ideologia não é tudo; é possível assumir um lugar que nos permita manter distância em relação a ela, mas esse lugar de onde se pode denunciar a ideologia tem que permanecer vazio, não pode ser ocupado por nenhuma realidade positiva determinada" (citado em Safatle 2003:189). A implicação que Safatle retira é que só "um discurso negativo poderia, pois, escapar da ideologia" - o que não significa adesão ao niilismo. Chama Claude Lefort para lembrar que "o único discurso feito em nome da invenção democrática contra o totalitarismo das construções ideológicas é o discurso de defesa do lugar do povo como um lugar vazio que nunca pode ser corretamente preenchido."

Nos termos de Lefort: "A legitimidade do poder funda-se sobre o povo; mas à imagem da soberania popular junta-se a imagem de um lugar vazio, impossível de ser ocupado, de tal modo que os que exercem a autoridade pública não poderiam pretender apropriar-se dela" (citado em Safatle 2003:190).

Safatle conclui: "Assim, a verdadeira política do Real não é aquela animada pela tentativa violenta de purificação de toda opacidade do social, mas é aquela feita em nome da irreducibilidade dos antagonismos que fundam a experiência do político" (Safatle 2003:190-1).

Já Lefort, a propósito do Estado democrático, apresenta-o como "teatro de uma constestação cujo objeto não se reduz à conservação de um pacto tacitamente estabelecido, mas que se forma a partir de focos que o poder não pode dominar inteiramente". E acrescenta: "desenvolveu-se assim sobre a base dos direitos do homem toda uma história que transgredia as fronteiras nas quais o Estado pretendia se definir, uma história que continua aberta" (2011:75).

André Rocha associa diretamente a profundidade da proposta de Lefort à de Gramsci e afirma: "Lefort nos convida a pensar as diferenças radicais entre a política democrática e a política totalitária, entre uma 'lógica democrática' e uma 'lógica totalitária' [...]. Ora, essas 'lógicas' são encarnadas, não são abstrações discursivas, elas são processos históricos particulares"(2011:54).

Marilena Chauí acrescenta a dimensão das possibilidades e escolhas - agônicas? - da proposta e do próprio trabalho de Lefort, para quem "o enigma da obra" "está em existir simultaneamente no texto do escritor e nos textos de seus leitores, no campo constituído por eles e no debate fecundo e interminável que aí se institui" (Chauí 2011:40). A "concepção generosa do pensamento" é a da obra que "instaura um modo de existência como diferença interna entre escrita e leitura que abre o pensar, em vez de fechá-lo sobre si mesmo" (:ibid). Há, todavia, outra senda, associada, nos termos de Lefort, a "um obscuro desejo de dominação". Como Chauí explana:

"A 'objetividade' atribuída à obra permite ao leitor situar-se num lugar imaginário, fora do campo de pensamento a ele oferecido, num lugar de onde possa contemplá-la inteiramente, abarcando todas as perspectivas, num geometral onividente e por isso onisciente. Ora, curiosamente, esse lugar 'alto', externo, de onde tudo é visto e compreendido, não é apenas o lugar que nossa ciência atribui ao observador, é também o lugar que, em nossas sociedades, a imaginação confere ao poder. A 'objetividade' atribuída à obra, parecendo dar-lhe plena soberania sobre o simples leitor, é, de fato, sustentada pela subjetividade soberana do contemplador, imaginário. Dependerá do leitor escolher o tipo de leitura que pretende fazer"(:40-1).

Escolhi sujeitos, possibilidades e territórios como título desta seção de fecho por viabilizar introduzir de modo mais claro a dimensão da política - mas também, precisamente, a de uma antropologia política. Sujeitos e territórios conformados é expressão que pode ser lida tanto a partir de uma *certainterioridade*, certa *escolha*,

como sob a forma de um resultado, de uma pressão externa; a ligação entre as duas esferas sempre suposta. Isto aplicar-se-ia tanto ao museu como intelectual (sujeito) coletivo de que Borges nos fala como aos sujeitos (intelectuais) no sentido mais corriqueiro e, ainda, às inscrições e representações espaciais que se tornam aceitas. Podemos contemplar a existência de barreiras intransponíveis nos limites do capitalismo, mas isso tampouco nos deve conduzir a esquecer a batalha por (certa) autonomia e as possibilidades de exercício não conformado que a própria postura crítica diante da(s) ideologia(s), do Real, do Ser e Estar, de conformação e apropriação de territórios, nos faculta.

Porosidade, imprecisão, indeterminação, inconsistência; fluência e fluente do outro; sujeito descoincidente consigo mesmo; signo que refrata, desloca, produz novos efeitos de sentido; desenhos de espaços, territórios e suas evocações - são características, aspectos, associados ao exercício do estar no mundo e, pois, a possibilidades de um estar mais digno, mais afim com uma postura que respeite a incerteza como fundação última de qualquer discurso, de qualquer ordem - ligado a representações, memórias, identidades, processos de patrimonialização e territorializações. No tempo que nos cabe viver, liga-se ao lugar que se pode conferir ao(s) outro(s) e a si, sejam eles sujeitos, museus, cidades, mundos, ciências e, talvez sobretudo, projeções de mundos a permanentemente desenhar e desejar, nesse universo sempre mutante.

Sujeito e negação, sujeito político, partícula de liberdade, situação aberta, potencial corrosivo, violência criadora, não evitação do confronto com o vazio do real, direitos universais da negação no interior da esfera do político e do existir, defesa do lugar do povo como um lugar vazio, irreducibilidade dos antagonismos que fundam a experiência do político, contestação a partir de focos que o poder não pode dominar inteiramente... correspondem a possibilidades que vão além dos desenhos e saberes que hegemonias tanto tentaram e tentam fixar, através de lugares de memória, definições de identidades, territórios e, já agora, ciências; construções e representações que se correlacionam ainda com as expressas na *materialidade*, do próprio museu, da *concretude* patrimonial e territorial, em tempos e lugares de cidades, brasis, mundos. A história transgressora, que continua aberta, opõe (e, a nível profundo, interliga) a lógica democrática e a lógica totalitária. Trata-se sempre de uma lógica encarnada, o que quer dizer que cabe aos sujeitos, no seu tempo e lugar, a possibilidade de uma prática que interroga e que lhes permite deixar uma marca na indeterminação do presente e nas suas inscrições territoriais.

Por sua origem etimológica, agônico é o que não tem ângulos. Na definição corrente, é também o respeitante a agonia, e linha agônica é aquela que, numa carta ou mapa, junta pontos de declinação magnética zero. A falta de ângulos, certezas, abstrações - inclusive as *científicas* e territoriais - onde nos ancorar, pode ser fonte de angústia, mas é também possibilidade de exercício e de defesa de um debate fecundo e interminável, permanente, de todos, consigo, com os outros, com os mundos - e, neles, com os brasis e seus *territórios* que vamos tecendo. Ao invés do poder associado ao lugar da objetividade, da *precisão da ciência*, no alto e fora, podemos então pensar - e projetar - universos de todos em múltiplos planos, dentro, no meio das construções, representações, memórias e identidades, em constantes reconfigurações de territórios de toda ordem.

Referências Citadas

Abreu, R.

1996 Memória, história e coleção. *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. 28. pp. 37-64.

Abreu, R. e Chagas, M.

2003 Introdução. Em R. Abreu e M. Chagas. (Org.), *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos* (pp. 11-14). Rio de Janeiro: DP&A.

Andermann, J. and Simine, S.

2012 Introduction - museums and the educational turn: history, memory, inclusivity. *Journal of educational media, memory and society*. Vol. 4, Issue 2, Autumn. pp. 1-7.

Borges, L.

2013 *O intelectual museu às voltas com seus oximoros*. Trabalho apresentado no GT9 do XIV Enancib - 2013. Florianópolis-SC.

Chauí, M.

2011 Apresentação. Em C. Lefort, *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (pp. 37-41). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

D'Eça, V. M. M. C. A.

18940 *Infante D. Henrique e A Arte de Navegar dos Portuguezes*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Duarte, L. F. D.

2005 La nature nationale: entre l'universalisme scientifique et la particularité symbolique des nations. *Civilisations*, vol. LII, 2: Museums, collections, interpretations, pp. 21-44. Université Libre de Bruxelles.

Geertz, C.

1998 'Do ponto de vista dos nativos': a natureza do entendimento antropológico. Em ____ *O saber local* (pp. 85-107). Petrópolis: Vozes.

Gramsci, A.

1982 *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Tradução de Carlos Nelson Coutinho).

Lefort, C.

2011 [1979] Direitos do homem e política. Em ____ *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (pp. 59-86). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Lopes, M. M.

1997 *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec.

Montaigne, Michel de. (19-- [1580]). *Ensaio*s. Rio de Janeiro: Ediouro. (Tradução de Sérgio Milliet).

Nora, P.

1996 Preface to the English-language edition: from *Lieux de mémoire* to *Realms of Memory*. Em *Realms of memory: rethinking the French past - under the direction of Pierre Nora* (pp. xv-xxiv). New York: Columbia University Press.

Paz, Octavio.

1993 *Claude Lévi-Strauss ou o novo festim de Esopo*. São Paulo: Perspectiva.

Portela, I.

1982 'Novos Mundos ao Mundo': tentativa de análise de alguns aspectos relacionados aos Descobrimentos portugueses. mimeo.

1992 *Dos brasileiros, da civilização e de África: um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX*. 1992. 303 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Portela, I. e Barbosa, L.

1987 O 'colonizador do Brasil': imagens de Portugal e dos portugueses nos livros didáticos de história do Brasil. *Fórum Educacional*, vol. XI, 4, pp. 13-32.

Reis, J. C.

2007 *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. (9ª ed. ampl.) Rio de Janeiro: Ed. FGV.

Rocha, A.

2011. Introdução: dialética e democracia. Em C. Lefort, C. *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (pp. 43-55). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Safatle, V.

2003 Posfácio: a política do real de Slavoj Žižek. Em S. Žižek, *Bem vindo ao deserto do Real!* (pp. 179-91). São Paulo: Boitempo Editorial.

Žižek, S.

2003 *Bem vindo ao deserto do Real!*. São Paulo: Boitempo Editorial.